
**O jornalista-autor em ambientes digitais:
A produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época**

El periodista-autor en los espacios digitales:
La producción dela periodista Eliane Brum en la revista Época

Journalist-author in digital environments:
The production of journalist Eliane Brum for Época Magazine

Recebido em: 20 dez. 2013

Aceito em: 25 mar. 2014

Monica MARTINEZ

Universidade de Sorocaba (Sorocaba-SP, Brasil)

Docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, com pós-doutorado pela UMESP e estágio pós-doutoral pela Universidade do Texas.

Contato: monica.martinez@prof.uniso.br

RESUMO

Este artigo parte de duas perguntas. Há produção com características do Jornalismo Literário nos ambientes digitais? Um jornalista literário que escrevesse para a plataforma impressa manteria estas características na digital? Para investigar estas questões foram selecionadas 51 colunas da jornalista Eliane Brum publicadas no portal da revista *Época* no ano de 2010. Neste corpus foi identificada a ocorrência de cinco gêneros. Três do jornalismo convencional (crônicas, resenhas e entrevistas – 43 colunas ou 84% do total) e duas do literário (ensaios pessoais e perfis – oito colunas ou 16% do total). O resultado sugere que houve produção em estilo jornalístico-literário, ainda que não predominante. A hipótese é a de que seriam necessários *deadlines* (a coluna é semanal) e aporte de recursos maiores para produzir material para a Internet com as mesmas características que a autora emprega na mídia impressa.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Ambiente Digital; Análise de Conteúdo; Revista *Época*; Eliane Brum.

RESUMEN

Este artículo se basa en dos preguntas. Se producen con las características del periodismo literario en el espacio digital? Un periodista literario que escribió para impresos literarios mantén estas características en lo medio digital? Para investigar estas cuestiones fueron analizados 51 columnas de la periodista Eliane Brum en el sitio web de la revista *Época* en 2010. En este corpus se identificó la existencia de cinco géneros. Tres son periodismo convencional (crónicas, reseñas y entrevistas - 43 columnas o 84% del total) y dos de los literarios (ensayos y perfiles personales - ocho columnas, o el 16% del total). El resultado sugiere la ocurrencia de la producción periodístico-literaria, aunque no. La hipótesis es que se necesitarían plazos (la columna es semanal), y la inyección de más recursos para producir material para la Internet con las mismas características que el autor emplea en la edición impresa.

Palabras clave: Periodismo Literario, Espacios digitales, Análisis de contenidos, Revista *Época*; Eliane Brum.

ABSTRACT

This article is based on two questions. Is there Literary Journalism production in the digital environment? And a literary journalist who works for the printed media would keep these characteristics when in digital environment? To investigate these issues we selected 51 columns written in 2010 by journalist Eliane Brum for the Revista Época website. In this corpus we identified the occurrence of five journalistic genres. Three belong to the conventional journalism – chronicles, reviews, and interviews (43 columns or 84% of total) and two to the literary journalism – personal essays and profiles – (eight columns or 16% of total). The result suggests that there was production in literary-journalistic style, though not predominant. The hypothesis is that it would take more time (the column is weekly) and funds to produce more material for the Internet with the same characteristics this author employs in print.

Keywords: Literary Journalism; Digital Environment; Content Analysis; Época Magazine; Eliane Brum.

Introdução

Este estudo investiga se há produção jornalística com características do Jornalismo Literário em ambientes digitais a partir da análise de conteúdo de 51 colunas da jornalista Eliane Brum publicadas no portal da revista *Época* no ano de 2010. Para abordar a questão, foi feita uma breve introdução sobre o desenvolvimento da mídia digital. Por uma questão de espaço, evidentemente a intenção desta parte do artigo é apenas a de, por meio de pensadores clássicos do tema, inserir o leitor no contexto da revolução que o universo digital causou no final do século XX – e continua exercendo no início do XXI. Em seguida, procede-se a uma breve dissertação teórica sobre o Jornalismo Literário, novamente sem a pretensão de esgotar o tema – vasto *per se* –, mas simplesmente com o objetivo de explicitar a partir de quais conceitos são feitas a análise de conteúdo das categorias aqui consideradas. Como diz um estudioso estadunidense do campo, John C. Hartsock (2000), o termo Jornalismo Literário não é o único possível, mas que na falta de uma definição melhor é o escolhida por ele e por este estudo para definir esta modalidade.

A plataforma midiática digital

Nas três décadas após a Segunda Guerra Mundial, os meios de comunicação foram reestruturados em torno da televisão. Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells, as estruturas sociais contemporâneas são fortemente mediadas pelas inovações tecnológicas. "O rádio perdeu sua centralidade, mas ganhou em penetrabilidade e flexibilidade (...). Filmes foram adaptados para atender às audiências televisivas (...). Jornais e revistas especializaram-se no aprofundamento de conteúdos ou enfoque de sua audiência (...)." (CASTELLS, 2005: 415). Segundo ele, somente os livros "continuaram sendo livros" (idem), mas, com o fortalecimento dos *e-books*, até mesmo este mercado sofreu uma revolução.

Para Castells, diretor do Instituto Interdisciplinar da Universidade Aberta da Catalonia (UOC), em Barcelona, e professor de Comunicação, Tecnologia e Sociedade da University of Southern California, em Los Angeles, um novo impulso tecnológico foi dado nos anos 1980:

Jornais escritos, editados e impressos à distância, permitindo edições simultâneas do mesmo jornal sob medida para várias áreas importantes (...). O rádio foi se especializando cada vez mais (...). Os filmes sobreviveram na forma de videocassetes. (...) A possibilidade de gravação por videocassetes representou mais uma opção, reforçando a tendência para a futura diversificação das ofertas de programas de TV, que posteriormente foi segmentada. (...) a multiplicação dos canais de TV (...) levou à sua crescente diversificação. (CASTELLS, 2005:422-423).

Não por acaso, o historiador inglês Eric Hobsbawm pontua o início do século XXI não com o ano 2001, mas com o fim do muro de Berlim, em 1989, e posteriormente a queda da União Soviética, em 1991 (HOBSBAWM, 1995). Para Castells, outra grande revolução mediática foi dada mais ou menos na mesma época: a era *www* iniciada em meados dos anos 1990.

Embora a tecnologia seja grandemente ressaltada, a mudança nas mediações humanas é o aspecto mais notável desta nova configuração sócio-cultural:

A fusão das telecomunicações, da informática, da imprensa, da edição, da televisão, do cinema e dos jogos eletrônicos em uma indústria unificada da multimídia é o aspecto da revolução digital que os jornalistas mais enfatizam. Mas não é o único, nem talvez o mais importante. Além de certas repercussões comerciais, parece-nos urgente destacar os grandes *aspectos civilizatórios* ligados ao surgimento da multimídia: novas estruturas de comunicação, de regulação e cooperação, linguagens e técnicas intelectuais inéditas, modificação das relações de tempo e espaço etc. (LÉVY, 1998: 13).

Do ponto de vista comunicacional, a nova plataforma mediática, ambientada num espírito de convergência (JENKINS, 2009), causa alterações significativas de tal forma que hoje é difícil qualquer estudo que não reflita sobre a esfera da comunicação mediada por aparatos tecnológicos. Ressaltamos, aqui, as alterações na perspectiva tempo-espacial e o compartilhamento das mensagens.

Alteração na perspectiva tempo-espacial: assincronia, velocidade e nomadismo

A natureza sempre foi a grande organizadora do tempo humano, dela derivando os marcadores temporais e eventos importantes, como celebrações religiosas ou

relativas à chegada das estações e colheitas¹. Em *Campo e Cidade*, o crítico galês Raymond Williams (1921-1988) destaca a forma tradicional rural, orgânica, em contraposição às desordens típicas do processo de urbanização (WILLIAMS, 1990).

A revolução industrial – com suas novas formas de energia e iluminação – e, mais tarde, a sociedade da informação, alteram este quadro sincrônico antes marcado pelos ciclos naturais. O mesmo acontece no plano das comunicações. Os meios impressos e eletrônicos, como rádio e televisão, funcionavam grandemente como marcadores temporais. Hoje, este ritmo comunicacional foi quebrado pelas inúmeras possibilidades surgidas com os novos aparatos tecnológicos (MENEZES, 2007), como *audiocasts* e sistemas de compartilhamento de vídeos, caso do *Youtube*. A princípio, podemos ver, ler e ouvir tudo o que quisermos, na hora que o desejarmos.

A pulverização e a multiplicidade dos meios de comunicação são fatores que levam à síndrome do excesso de informação, caracterizada pela sensação de incapacidade de se digerir a gigantesca carga informacional disponível na rede – que aumenta de forma constante, exponencial e veloz.

Em meados dos anos 1990, quando a internet começava a chamar a atenção enquanto fenômeno midiático, o filósofo francês Paul Virilio foi um dos primeiros pensadores a apontar a questão da velocidade enquanto um fato determinante dos novos processos comunicacionais. Em *Velocidade e Política*, Virilio emprega o neologismo *dromologia*, que o tradutor Celso Parciornik, no prefácio da obra, explica ser tomado da palavra *dromos* – corrida, curso, marcha em grego (VIRILIO, 1997: 10).

(...) a manutenção do monopólio exige que a toda nova máquina seja logo contraposta uma máquina mais rápida. Mas com o limite das velocidades se estreitando sem parar, fica cada vez mais difícil de conceber o engenho rápido. Ele frequentemente se torna obsoleto antes mesmo de ser aproveitado; o produto está literalmente gasto antes de ser usado, ultrapassando, assim, na “velocidade”, todo o sistema de lucro da obsolescência industrial! (VIRILIO, 1997: 56-57).

Essa pressa produtiva está ancorada numa sociedade dominada pelo conceito de tempo fragmentado e linear do relógio. Ora, os gregos tinham duas palavras que definiam tempo. A primeira, *chronos*, que caracteriza o tempo quantitativo e sequencial do relógio. Já *kairós* refere-se à noção qualitativa temporal, um momento indeterminado

¹ Para uma análise desta questão em jornalismo, ver *Jornada do Herói* – estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo (MARTINEZ, 2008).

entre eventos no qual algo especial acontece. Estaria neste âmbito o conceito de comunicação como acontecimento defendido pelo teórico brasileiro Muniz Sodré (SODRÉ, 2009). E também, talvez, uma chave para compreender o fenômeno comunicacional mediado por aparatos tecnológicos em sua dimensão assíncrona.

Se o conceito de tempo está em mutação, também está o de espaço. Até meados da década de 1990 produtores e leitores de mensagens jornalísticas tinham suas baias corporativas para as quais se dirigiam em horários regulares em troca de um salário e status social. A revolução digital alterou fortemente esta configuração até então dicotômica de trabalho e lazer, num certo sentido aproximando-a da divisão feita pelo artesão medieval, que realizava seu trabalho em casa.

A interatividade do processo comunicacional talvez represente a principal e mais evidente alteração causada pela rede digital. “Podemos distinguir três grandes categorias de dispositivos comunicacionais: um-todos, um-um e todos-todos (LÉVY, 1999: 63).

Segundo Lévy, o correio e o telefone seriam exemplos de contato de indivíduo para indivíduo, um-um. Já a chamada comunicação de massa – imprensa, rádio e televisão – seria estruturada no princípio um-todos: “um centro emissor envia suas mensagens a um grande número de receptores passivos e dispersos” (idem). Já as redes virtuais permitem uma comunicação cooperativa por meio do dispositivo todos-todos:

(...) os novos dispositivos informacionais (mundos virtuais, informação em fluxo) e comunicacionais (comunicação todos-todos) que são os maiores portadores de mudanças culturais, e não o fato de que se misture o texto, a imagem e o som, como parece estar subentendido na noção vaga de multimídia. (LÉVY, 1999: 63).

Este processo de desterritorialização característico do mundo digital é estudado por vários autores, afinal “a relação natureza/cultura, e a relação sujeito/outro, estão indissolavelmente ligadas à percepção do espaço”, diz o sociólogo francês Michel Maffesoli (1998: 177-178).

(...) podemos dizer que o *lugar se torna laço*. E isso nos lembra que talvez estejamos diante de uma estrutura antropológica que faz com que a agregação em torno de um espaço seja o dado básico de toda forma de sociedade (MAFESSOLI, 1998: 181).

Maffesoli defende o conceito de tribos urbanas, isto é, grupos sociais que definem sua espacialidade a partir de um sentimento de pertencimento, em função de

uma ética específica e no contexto de uma rede de comunicação (1998: 194). Ou seja, as novas “tribos” possuem normas, matrizes comunicacionais e rituais próprios, que as unem em alguma medida em relação às demais.

Neste sentido, as comunidades virtuais possuem leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras redes eletrônicas e também físicas em uma medida que os pesquisadores ainda se empenham em estudar. Castells, por exemplo, lembra que a internet é apenas mais uma opção para a criação e a manutenção de redes sociais. Ele cita o diretor do Netlab do departamento de sociologia da Universidade de Toronto, Barry Wellman, que diz que: “a rede social do indivíduo de laços interpessoais informais, que vão de meia dúzia de amigos íntimos a centenas de laços mais fracos... Tanto as comunidades de grupo quanto as comunidades pessoais funcionam tanto on-line quanto off-line” (CASTELLS, 2005: 444).

Neste contexto dos vínculos e afetos – laços fortes e fracos --, Castells sugere que a rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos.

A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação ou mesmo no bloqueio de comunicação. De fato, tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento. Nesse sentido, a Internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica. (CASTELLS, 2005: 445)

A Internet estaria solapando a sociabilidade das comunidades físicas? Os estudos de Wellman sugerem exatamente o contrário. Castells, porém, lembra que os “críticos sociais se referem implicitamente a um conceito idílico de comunidade, uma cultura muito unida, espacialmente definida, de apoio e aconchego, que provavelmente não existia nas sociedades rurais, e que decerto desapareceu nos países industrializados” (CASTELLS, 2005: 444). E que, certamente, não ocorre no mundo digital. Esta questão se estende à interatividade. Alex Primo, docente do PPGCOM da UFRGS, pontua que “(...) se o diálogo humano não é uma relação automática, nem previsível, por que então supor que toda e qualquer utilização do computador seja comparada a um diálogo ou a uma conversação? (PRIMO, 2007: 47).

Jornalismo Literário

De todas as modalidades jornalísticas, talvez o Jornalismo Literário seja a maior expoente desta busca pela dialogia, pela compreensão e pelo envolvimento do autor e do leitor no campo das narrativas contemporâneas. Em *Jornalismo Literário para Iniciantes* (2010), o docente Edvaldo Pereira Lima, ex-professor do programa de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e cofundador da ABJL (Academia Brasileira de Jornalismo Literário) define bem, no capítulo *Histórias com Sabor e Cor*, a condição atual desta corrente jornalística:

Estilo diferenciado de prática da reportagem e do ensaio jornalístico, o jornalismo literário ocupa um lugar especial na cultura contemporânea. Não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente. Pois são precisamente as diferenças que marcam este tipo muito particular de jornalismo, quando comparado aos padrões mais conhecidos, que lhe dão uma identidade toda própria, uma força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável. Por isso, capta o entusiasmo de profissionais que prezam o bom texto, atrai o interesse de leitores que buscam nas matérias jornalísticas mais do que a informação ligeira do dia-a-dia dos acontecimentos. (LIMA, 2010: 9).

Lima também define uma das principais diferenças do Jornalismo Literário quanto à estrutura textual: "No jornalismo convencional, o modo corriqueiro é o sumário. Como o nome sugere, trata-se de um resumo das coisas. Você dá uma pincelada nos elementos básicos do que tem para contar, simplifica, conta de uma maneira indireta, quase sempre impessoal". (LIMA, 2010: 14)

Do ponto de vista de construção textual, Lima aponta duas características significativas do Jornalismo Literário. A primeira é a cena:

O jornalismo literário prefere esse modo de narrar porque seu compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de *entrar* naquele mundo específico que a matéria retrata. Enquanto o sumário apela mais para o raciocínio lógico, a cena procura também despertar a visão, a audição, o olfato, o tato, o paladar do leitor (LIMA, 2010: 16).

A construção em cena está intrinsecamente ligada à narração, isto é, a contação da história, a forma milenar dos seres humanos de carrear saberes e acontecimentos:

O que o jornalismo literário faz é também contar histórias, só que de um modo elegante, articulado esteticamente. Como produz textos escritos, procura dar a esses seus produtos uma qualidade literária, entendida como uma organização textual eficiente, do ponto de vista de comunicação, atraente, do ponto de vista estético. O texto precisa oferecer ao leitor uma experiência prazerosa de leitura. (LIMA, 2010: 19).

Quanto à gênese do Jornalismo Literário, nos Estados Unidos estudiosos como Norman Sims costumam citar o escritor Daniel Defoe (1660-1731) como o pioneiro da prática, que se popularizou mundialmente nos anos 1960 com a denominação de novo jornalismo por meio de autores como Truman Capote (1924-1984), Gay Talese e Tom Wolfe. Mas o fato é que após a Segunda Guerra Mundial jornalistas-escritores como Ernest Hemingway (1899-1961), A. J. Liebling (1904-1963), Joseph Mitchell (1908-1996) e Lilian Ross, entre outros, já produziam extraordinárias narrativas de não ficção (KRAMER, 1995).

Há também uma sólida tradição em Jornalismo Literário na América Latina. O escritor colombiano Gabriel García Márquez, autor de *Relato de um Naufrago*, é o expoente mais conhecido. Até porque, ao criar com o jornalista Jaime Abello a Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI) em 1995 em Cartagena das Índias (Colômbia), fomentou esta prática de jornalismo em profundidade na esfera latino-americana. Contudo o jornalista argentino Rodolfo Walsh (1927-1977), autor de *Operação Massacre*, e Tomás Eloy Martínez (1934-2010), com *Santa Evita*, para citar apenas dois exemplos, são referências sobre o assunto.

No Brasil, o autor de *Os Sertões*, o engenheiro Euclides da Cunha (1866-1909) costuma ser apontado como o pai desta modalidade. Outra referência histórica é João do Rio – pseudônimo do jornalista carioca João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881 – 1921), com seus relatos de cunho antropológico e sociológico encontrados em livros como *A Alma Encantadora das Ruas*. Revistas como *Realidade* (editora Abril), (1966-1976, mas sobretudo nos dois primeiros anos da publicação), além de *Senhor* (1959-1964), são tidas como marcos importantes.

Aliás, além dos livros-reportagens, as revistas continuam atualmente sendo um suporte importante para o Jornalismo Literário. Há a brasileira *Piauí*, lançada em 2006, a peruana *Etiqueta Negra* (2001), a mexicano-colombiana *Gatopardo* (2000) e a colombiana *El Malpensante* (1996), além do site salvadorenho *El Faro* (1998), entre outros. No caso salvadorenho, o site foi a forma encontrada para viabilizar a

sustentabilidade do negócio, uma vez que, como o Jornalismo Literário em geral demanda apurações prolongadas, que não raro envolvem o deslocamento do repórter, a prática que é tida como onerosa para as corporações de comunicação.

Em qualquer lugar onde ele seja feito, no entanto, pode-se dizer que o Jornalismo Literário é constituído por ao menos quatro áreas do conhecimento:

1. Jornalismo: a matriz do JL, que lhe empresta as principais características:
 - Apuração criteriosa do fato – não se admite invenção.
 - Ética em relação às fontes e leitores (KRAMER, 1995).
2. Literatura: a interface mais conhecida – e debatida –, da qual compartilha algumas técnicas narrativas, como o uso de diálogos. (WOLFE, 2005).
3. Sociologia: o antropólogo belga Ives Winkin aponta a aproximação do JL com a Escola de Palo Alto, nos anos 1940, que agregaria ao JL as características da complexidade do “modelo circular” proposto por Norbert Weiner, com sua metáfora da orquestra, no qual não haveria a distinção clássica entre emissor e receptores (WINKINS, 1998). Já imersão e técnicas como a observação participante seriam alinhadas à Escola de Chicago, influência herdada do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago que foi estimulado pelo governo dos Estados Unidos a estudar a situação de pobreza vivida pela população durante a Grande Depressão dos anos 1930 (LIMA, 2010: 111).
4. Psicologia: as várias correntes desenvolvidas no século XX, da psicanálise freudiana à psicologia junguiana, entre outras, seriam um aporte importante para identificar os fatores psíquicos que influenciam o comportamento do indivíduo (LIMA, 2010).

Este conjunto de arcabouços conceituais, técnicos, estéticos e éticos pode permitir ao jornalista literário ultrapassar a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento.

É que, para ser bem sucedido, este mergulho demanda um profissional curioso, com formação cultural sólida e visão de mundo ampla, pronto para acolher o outro sem necessariamente julgar ou endossar seus pontos de vista. Por isso, poucos profissionais estariam aptos a navegar com tranquilidade neste patamar. Seria o caso da jornalista gaúcha Eliane Brum, conhecida pelas reportagens especiais de fôlego produzidas na edição impressa da revista *Época*. Contudo, mesmo ela, ao migrar da plataforma impressa para a digital do portal da revista, no ano de 2010, teria conservado estas características? É o que veremos a seguir.

Estudo de caso

No perfil que acompanhava as colunas publicadas a cada segunda-feira, Eliane Brum é definida como “jornalista, escritora e documentarista”. Por escritora, entenda-se a publicação de três obras até agora. A primeira, lançada em 1994, é *Coluna Prestes – O Avesso da Lenda* (Artes e Ofícios), onde refaz a caminhada de 25 mil quilômetros liderada pelo político comunista gaúcho Luis Carlos Prestes entre 1925-1927.

A segunda obra, *A Vida Que Ninguém Vê* (Arquipélago Editorial) ganhou o Prêmio Jabuti 2007 na categoria reportagem. Criado em 1959 pela Câmara Brasileira do Livro, o Jabuti é considerado um dos mais importantes prêmios literários do país. A obra reúne os 46 textos que a autora escreveu para a coluna que deu título ao livro, publicados no jornal gaúcho Zero Hora a partir de 1998. No prefácio do livro, o então diretor de redação, Marcelo Rech, descreve com evidente entusiasmo o método de trabalho da jornalista para a realização das colunas:

(...) no caminho até sua página de sábado, a jovem repórter (...) defrontava-se com três momentos decisivos. No primeiro (...) recrutava seu tema e definia seu personagem (...). Em seguida, vinha a tarefa mais espinhosa para muitos jornalistas e seus entrevistados, mas provavelmente o momento mais natural para quem conhece Eliane: deixar-se devassar diante da repórter de voz suave, olhar terno e sensibilidade extra-sensorial.

Sim, aqui se revela um dos segredos de Eliane para compilar suas histórias: a empatia que ela estabelece com suas fontes. Não são modos e gestos afetados, não são truques impessoais para relaxar o entrevistado. Eliane é assim, confiável e profissional ao mesmo tempo. Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto. Era graças a esta combinação rara que a vida de quem milhares iriam conhecer no sábado seguinte rasgava-se diante do bloco de anotações da repórter. (RECH in BRUM, 1996: 14-15).

A coluna foi encerrada em janeiro de 2000, quando a jornalista muda-se de Porto Alegre para São Paulo para trabalhar numa revista semanal de circulação nacional, a *Revista Época*.

O terceiro livro de Eliane Brum, *O Olho da Rua* (Editora Globo), lançado em 2008, contém dez reportagens da autora, além de material exclusivo, os bastidores de produção das mesmas. Na apresentação da obra, Eliane reflete sobre seu trabalho:

Em cada rua do mundo, seja de floresta ou de concreto, busco aquilo que faz tantos brasileiros andar pelo mapa, às vezes descalços. Aquilo que move tantos de nós a ancorar no dia seguinte – e um dia depois do outro. Meu ofício é encontrar o que torna a vida possível apesar de

tudo, a delicadeza na brutalidade do cotidiano, a vida na morte. É esse o mistério que me fascina. E o olhar que escolhi como farol nessas andanças pelos muitos Brasis é o da compaixão, aquele que reconhece no outro a fratura que já adivinhou em si mesmo (BRUM, 2008: 13-14).

Em sintonia com a premissa dos historiadores orais (MEIHY, 1998; MEIHY; RIBEIRO, 2011), Brum professa que:

Eu acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história acontecendo. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a certeza de que a realidade é complexa e composta não apenas de palavras. É feita de texturas, cheiros, nuances e silêncios. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas (BRUM, 2008:14).

Por sua atuação como repórter, ganhou dezenas de prêmios nacionais e internacionais. Em março de 2010, depois de dez anos na revista *Época*, Eliane desligou-se parcialmente da instituição jornalística, passando a escrever a coluna *Nossa Sociedade*, que postava às segundas-feiras no portal da revista. Na coluna de 1º de março, ela declara:

Não foi uma decisão intempestiva. Ela vem acontecendo dentro – e fora de mim – há um bom tempo. Há cinco anos tenho trabalhado nas férias e finais de semana em projetos paralelos, como documentários, livros, oficinas e palestras. Queria experimentar coisas novas e abrir outros caminhos para fora de mim. Outras maneiras de estar no mundo. Tenho uma convicção comigo: temos uma vida só, mas dentro dessa, podemos viver muitas. E eu quero todas as minhas. (...) Vou continuar fazendo reportagem. Apenas de um outro jeito, num outro tempo. Sou repórter até os confins da minha alma – e um pouco além. (BRUM, 2010).

Como documentarista, ela já fez *Uma História Severina*, em 2005, sobre Severina, plantadora de brócolis de Pernambuco que, grávida de anencéfalo, é impedida de abortar por decisão do Supremo Tribunal Federal. Em 2010, concluiu um longa metragem sobre a cantora Gretchen (Maria Odete Brito de Miranda), 30 anos de profissão, que, aos 50 anos, concorreu ao cargo de prefeita da Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, nas eleições de 2008.

Em junho de 2011, a jornalista lançou pela editora Leya sua primeira obra de ficção, *Uma;duas*, sobre mães e filhas. Em 2012, participou de *Dignidade*, livro da organização não-governamental *Médicos Sem Fronteira*. Finalmente, em dezembro de 2013, deixou a Editora Globo para se tornar colunista do portal brasileiro do jornal espanhol *El País*.

Análise de conteúdo

O corpus desta pesquisa compreende as 51 colunas publicadas pela jornalista Eliane Brum no ano de 2010 no portal da *Revista Época*, que foram analisadas de acordo com o método da análise de conteúdo (BARDIN, 2004). Uma primeira leitura revelou que elas podiam ser divididas em duas grandes categorias:

- Conteúdos universais: 33 colunas trabalham assuntos compartilhados pela espécie humana, caso de amor, maternidade e morte, entre 16 outras temáticas.
- Conteúdos ligados à sociedade brasileira: as demais 18 colunas abordam questões locais, tendo sido classificados sete eixos temáticos (cultura, educação, saúde, segurança, sistema jurídico, sociedade, política).

Em seguida, foi feita a distribuição das colunas em gêneros, a partir dos conceitos:

Gêneros do jornalismo

- Crônica: uma composição opinativa, breve, arguta e sensível relacionada à atualidade (MELO, 1985: 146).
- Resenha: gênero opinativo que “corresponde a uma apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores” (MELO, 1985: 125).
- Entrevista: gênero informativo cujo “relato privilegia um ou mais protagonistas do acontecer (...)” (MELO, 1985: 65).

Gêneros jornalístico-literários

- Ensaio Pessoal: estaria localizado uma oitava acima da crônica, mesclando “narrativa e reflexão, sempre com forte conotação pessoal”. (...) “Há uma necessidade premente

de compreensão”. A escrita é movida por “algo que mexeu muito com seu ser”. (LIMA, 2009: 431)².

- Perfil: “texto que retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias (...)”. (LIMA, 2009: 427)³.

O resultado da distribuição em gêneros pode ser conferido na tabela abaixo.

Tabela 1
Divisão das Colunas por Gêneros

Crônicas

- Como eles podem transformar as férias da gente num inferno (nº. 1 - 04/01/2010).
- Tropa de elite (nº. 2 - 18/1/2010).
- História de amor no Taiti (nº. 3 - 25/1/2010).
- A burca, a França e todos nós (nº. 4 - 2/2/2010).
- O bebê alien (nº. 5 - 8/2/2010).
- O Mito da Fertilidade (nº. 6 - 15/2/2010).
- Divorciada aos 10 anos (nº. 10 - 15/3/2010).
- Pedófilo é gente (nº. 13 - 5/4/2010).
- *Memento mori* (nº. 15 - 19/4/2010).
- O insustentável peso do ser (nº. 16 - 26/4/2010).
- Socorro! Tem alguém aí? (nº. 18 - 10/5/2010).
- Câmara dos Deputados contra Tropa de Elite (nº. 19 - 17/5/2010).
- Saci sem cachimbo, lobo sem dentes e gente sem pensamento (nº. 20 - 24/5/2010).
- Ana Hickmann e a humanidade sitiada (nº. 22 - 7/6/2010).
- Dois andares abaixo do meu (nº. 24 - 21/6/2010).
- Cartas de amor (nº. 25 - 28/6/2010).
- Desconhece-te a ti mesmo! (nº. 28 - 19/7/2010).
- Palmada na lei (nº. 29 - 19/7/2010).
- A vida se faz nas marcas (nº. 31 - 9/8/2010).

² Por ensaio pessoal aqui entende-se: “Gênero emergente na *Literatura da Realidade* norte-americana. Mescla narrativa e reflexão dissertativa de tom pessoal, não acadêmico. O autor pode ser também personagem. Está envolvido de algum modo no acontecimento que dá origem ao texto e/ou assume posição clara nas reflexões associadas. O assunto abordado e o tema subjacente têm significado pessoal para o autor. Tanto a voz autoral quanto a imersão constituem qualidades desejáveis”. Conceito de Lima disponível em <<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>>. Acesso em: 23 jun 2011.

³ Em Ciências Sociais, os perfis e as biografias são entendidos como histórias de vida, isto é, um método de pesquisa. “Gênero de origem incerta, desenvolvido, aperfeiçoado e disseminado para todo o jornalismo a partir da década de 1920 na revista *The New Yorker*, nos Estados Unidos. Busca traçar um retrato detalhado de personagens famosos ou anônimos, individualizando a compreensão mais ampla possível do ser humano em destaque em cada matéria. Nos melhores casos, intuitiva ou conscientemente, os bons autores de perfis fazem uma leitura dos personagens que revelam características psicológicas e comportamentais importantes, além dos aspectos mais concretos do que fazem e como vivem. Expõem, assim, a complexidade real típica de uma vida humana, rompendo os estereótipos limitantes que normalmente camuflam as pessoas nos veículos de comunicação de massa. Teve um salto de qualidade histórico com “Frank Sinatra Está Resfriado”, de Gay Talese, publicado originalmente em abril de 1966 na revista *Esquire*, reproduzido em seu livro *Fama & Anonimato*.” Conceito de Lima disponível em <<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>>. Acesso em: 23 jun 2011.

- Rir de si mesmo é ato civilizatório (nº. 33 – 23/8/2010).
- Ninguém quer o futuro (nº. 34 – 30/8/2010).
- Palavras em busca de adoção (nº. 35 – 6/9/2010).
- O dia seguinte é hoje (nº. 39 – 4/10/2010).
- Menos leviandade, por favor. (nº. 40 – 11/10/2010).
- Espelho, espelho não meu (nº. 42 – 25/10/2010).
- Dilma-lá (nº. 43 – 1/11/2010).
- Em nome do bem se faz muito mal (nº. 44 – 8/11/2010).
- Tropa de Elite em 3D (nº. 48 – 6/12/2010).
- Mau humor natalino (nº. 50 – 20/12/2010).

Resenhas

- O perigo da história única (nº. 6 – 15/2/2010), sobre o filme *Preciosa* e palestra no TED de Chimamanda Adichie, autora de *Meio Sol Amarelo*.
- Porca gorda (nº. 11 – 22/3/2010), sobre a peça teatral *Gorda*.
- Tão lindo, tão podre (nº. 12 – 29/3/2010), sobre a exposição “Tão longe, tão perto”, promovida pela Telefônica.
- A perfeita família Jones (nº. 17 – 3/5/2010), sobre filme homônimo.
- Vida de photoshop (nº. 21 – 31/5/2010), sobre filme *Os homens que não amavam as mulheres*, baseado no primeiro livro da trilogia Millennium, do sueco Stieg Larsson.
- A boneca inflável de cada um (nº. 30 – 2/8/2010), sobre filme *A Garota Ideal*.
- Nada é só bom (nº. 38 – 27/9/2010), sobre filme *A Suprema Felicidade*, de A. Jabor.
- A realidade da fantasia (nº. 46 – 22/11/2010), no qual indica o livro *A psicanálise na Terra do Nunca* (Penso - Artmed), dos psicanalistas Diana e Mário Corso.
- Tapas e beijos (nº. 49 – 13/12/2010), sobre filme *Amor*, de João Jardim.

Entrevistas

- Droga não é demônio (nº. 23 – 14/6/2010), com o psicanalista Eduardo Mendes Ribeiro, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- Testamento vital (nº. 27 – 12/07/2010), com José Eduardo de Siqueira, professor de clínica médica e bioética da Universidade Estadual de Londrina.
- Alison e a , (nº. 32 – 16/8/2010), com a tradutora Alison Entrekin.
- O novo, o velho e o antigo (nº. 45 – 15/11/2010), com o pesquisador italiano Luca Bacchini, especialista na obra do compositor brasileiro Chico Buarque.
- A literatura é capaz de transformar o seu mundo? (nº. 51 – 27/12/2010), com Luís Henrique Pellanda, autor de *O Macaco Ornamental* (Bertrand Brasil).

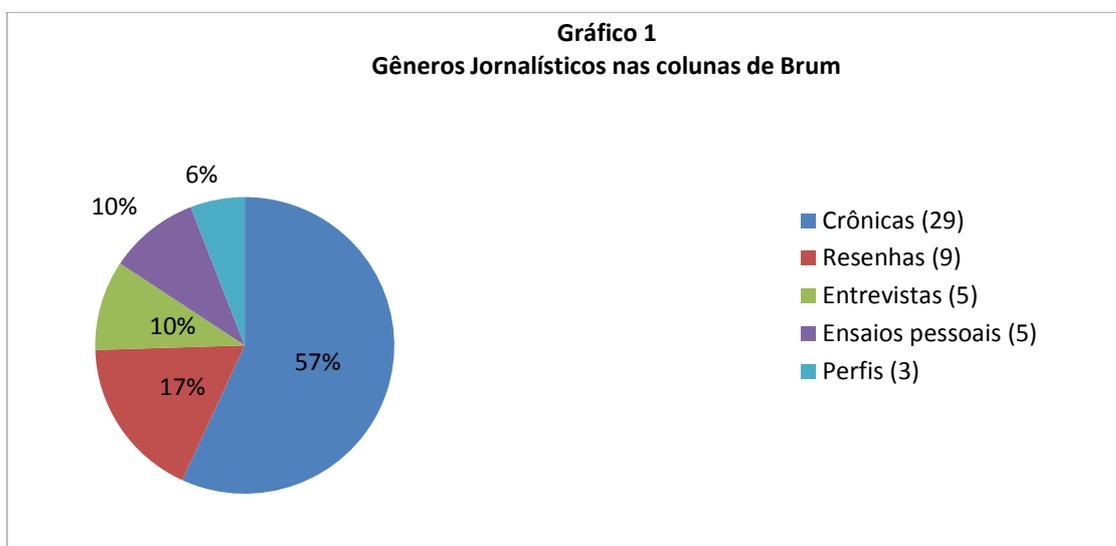
Ensaio pessoal

- Escrivanhinha xerife (nº. 8 – 1/3/2010).
- A agenda do exorcista (nº. 9 – 8/3/2010).
- A mãe órfã (nº. 14 – 12/4/2010).
- Para que tantos relógios se o tempo nos escapa? (nº. 37 – 20/9/2010).
- As mães não deveriam morrer (nº. 41 – 18/10/2010).

Perfil

- Hustene chorou baixinho (nº. 26 – 5/7/2010), sobre paulistano da nova classe média.
- Uma história de luz (nº. 35 – 6/9/2010), sobre Luciano Felipe da Luz (Boca de Rua).
- Rogério Pereira (nº. 47 – 29/11/2010), idealizador do jornal literário *O Rascunho* e do site *vidabreve.com*, no qual a jornalista escreve as terças-feiras.

FONTE – MARTINEZ; 2013.



FONTE – MARTINEZ; 2013.

No gráfico 1 nota-se que na produção da colunista para o ambiente digital ocorre o predomínio do gênero crônica (29 de 51 ou 57%⁴), isto é, do compartilhamento da visão de mundo da colunista a partir de fatos atuais ou universais. Exemplo é *O dia seguinte é hoje*, crônica sobre a educação (nº. 39 – 4/10/2010), publicada pouco antes do primeiro turno das eleições presidenciais de 2010, ano no qual a presidenta Dilma Roussef seria eleita para o mandato de 2010-2014. No outro extremo, o estudo revela que entre suas colunas há poucos perfis (3 de 51, isto é, 6%), um gênero no qual ela é considerada uma referência nas produções para mídia impressa. Entre eles destaca-se *Hustene chorou baixinho* (nº. 26 – 5/7/2010), sobre paulistano da nova classe média. Ressalta-se que a família do protagonista da história está sendo acompanhada há mais de uma década pela jornalista, o que se configura em uma notável prática de observação continuada – algo raro no jornalismo brasileiro.

Os resultados ainda mostram uma produção significativa de resenhas (9 de 51 ou 17%), sobre o lançamento de filmes, palestras, peças de teatro, exposições e livros. Em geral, possuem temáticas apreciadas pela jornalista, de relevância social, caso do filme *Preciosa*, que aborda a discriminação social de jovens negras e pobres vítimas de abuso sexual e moral na sociedade estadunidense.

⁴ Como a amostragem desta pesquisa é pequena, este estudo evidentemente não tem a pretensão de estabelecer noções estatísticas sobre a questão dos gêneros no ambiente digital. Desta forma, a intenção de se apresentar aqui eventuais dados percentuais é puramente a de propiciar uma noção de grandeza no contexto deste trabalho.

As entrevistas (5 de 51 ou 10%) aparecem empatadas na amostragem com os ensaios pessoais (idem). No primeiro gênero, que permite à jornalista ouvir com atenção o entrevistado, ela está em casa e revela uma produção excepcional. Um exemplo é a realizada com a tradutora Alison Entrekin (n.º. 32 – 16/8/2010). Deliciosamente intitulada *Alison e a ,* (não se trata de erro de digitação, mas do símbolo gráfico da vírgula). Confira a abertura:

Alison Entrekin é uma mulher singular de várias maneiras. Por exemplo. Um dia ela acionou a secretária eletrônica do seu telefone e ouviu a voz que todas as mulheres do Brasil sonham ouvir no seu aparelho. Sim. Ele. Chico Buarque de Holanda. Ligou para dar seu telefone a Alison. E pediu que ela ligasse de volta. Tinha assuntos urgentes a discutir com ela. Alison pensou no que eu e você e até mesmo um leitor seguro de sua masculinidade pensaria? Não. Alison vislumbrou aqueles olhos de ardósia? Não. Cantarolou “O meu amor tem um jeito manso que é só seu/E que me deixa louca quando me beija a boca/A minha pele toda fica arrepiada/E me beija com calma e fundo/Até minh'alma se sentir beijada...”? Também não. Alison quase morreu? Sim. Mas não como eu e você e mesmo o leitor seguro de sua masculinidade. Alison quase morreu de medo. Alison é uma mulher que quando ouve a voz de Chico Buarque na secretária eletrônica só pensa em vírgulas. E ponto final.

No segundo caso, ensaio pessoal (5 de 51 ou 10%), há momentos tocantes, como em *Para que tantos relógios se o tempo nos escapa?* (n.º. 37 – 20/9/2010), onde narra a relação do avô com o tempo:

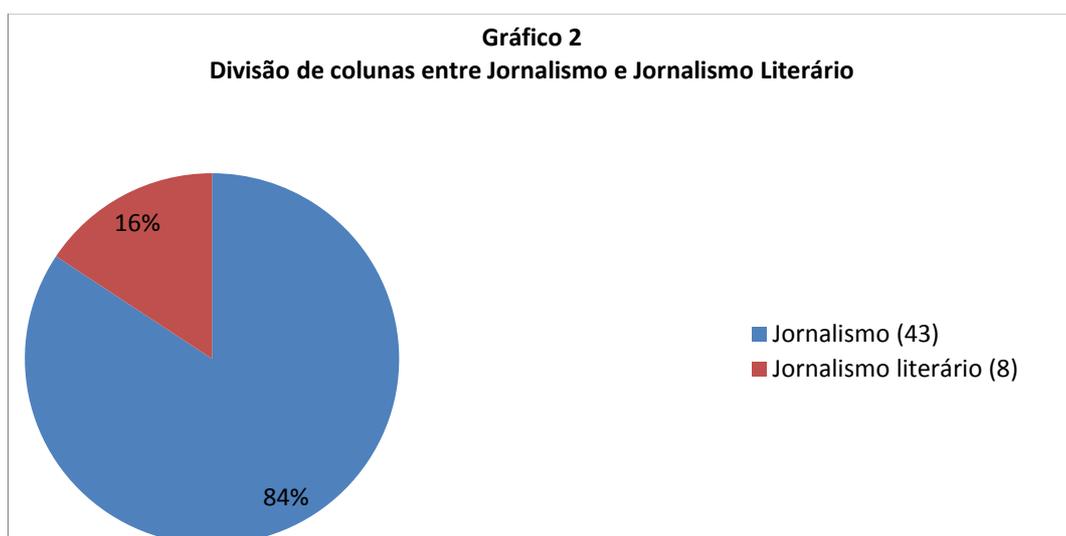
Na casa da infância do meu pai havia um relógio de parede. Era precioso e ainda hoje persiste, enquanto a casa vai virando natureza no meio do mato. Meu pai e sua família viviam na zona rural de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul, num povoado de colonização italiana chamado Picada Conceição. Lá meu avô plantava e socava erva-mate, numa lida cotidiana que envolvia os filhos homens. Minha avó e as filhas ocupavam-se com a polenta, as cucas e a sopa, as galinhas, as roupas, a casa. O relógio de parede marcava o tempo da vida, solene sobre a mesa das refeições de domingo. Cabia aos mais velhos dar corda no relógio. Mas às vezes alguém esquecia e o tempo escapava. Descobriam então a vida parada sobre suas cabeças (...).

Meu avô entregava a um dos filhos seu próprio relógio de bolso, sempre parado porque só era usado em casamentos e outras ocasiões solenes da vida pública dos homens. Preso a uma corrente encimada por uma moeda de prata com a efígie de Dom Pedro II, era das poucas riquezas materiais do meu avô, herdada dos que vieram antes. O encarregado guardava o relógio no próprio bolso, esforçando-se para não machucá-lo com os calos de uma mão feita na enxada, encilhava o

cavalo e galopava até Ijuí. Lá, no centro da praça principal, dava as costas para a igreja católica e postava-se diante da evangélica – ambas de frente uma para a outra e em lados opostos. Era uma traição à sua fé, mas justificava-se. Era na torre dos evangélicos que se exibia um relógio onipresente. Seus ponteiros regiam as horas da cidade. É preciso compreender que naquele tempo relógios eram bens valiosos. E possuir o tempo era para poucos.

Com máxima dedicação, um dos meus tios dava corda no relógio de bolso e acertava os ponteiros. Conferia. Enfiava o tempo no bolso. E galopava de volta. Na infância do meu pai, o tempo chegava a cavalo. Meu avô acertava os ponteiros do relógio da parede e a máquina voltava a tiquetaquear sobre a família. A ordem se restabelecia (...).

Ora, num mundo marcado pelo líquido e pelo efêmero (BAUMAN, 2004; LIPOVETSKY, 2009), esta narrativa pessoal, com forte conotação pessoal, leva à reflexão, quase poética, sobre a fragilidade da vida e dos laços humanos.



FONTE – MARTINEZ; 2013.

Para efeito desta parte do estudo, foram considerados como Jornalismo Literário as colunas pertencentes aos gêneros Ensaio Pessoal e Perfil (ao todo 8 de 51 ou 16%). É um índice baixo, se considerarmos que Eliane Brum é referência em sofisticação textual. O que justificaria esta desproporção? Como toda boa pesquisa, esta se encerra com a proposição de novas hipóteses, que precisariam ser devidamente investigadas. Uma destas premissas seria a de que a produção de textos mais aprofundados demandaria investimento de tempo e recursos financeiros que talvez não fossem possíveis num ritmo de produção continuada e semanal. Tanto que a coluna da autora

no portal brasileiro do *El País*⁵, iniciada em dezembro de 2013, tem periodicidade quinzenal.

Considerações finais

Ressalta-se que este estudo derruba uma das falácias associadas à mídia digital: o senso comum de que o internauta teria predisposição para preferir textos curtos. No portal da revista *Época*, Brum aceita o ritmo temporal de produção semanal, respeitando rigorosamente o *deadline*, mas se apropria com gosto do espaço ilimitado⁶. Tanto que *Testamento Vital*, entrevista realizada com o cardiologista José Eduardo de Siqueira, possui nada menos que 43 986 caracteres somente no corpo de texto – um espaço considerável em qualquer tipo de meio, salvo em livros. Neste sentido, ela emprega a Internet como espaço privilegiado para publicar textos integrais, o que atende leitores exigentes, que buscam informações aprofundadas sobre um dado assunto.

O interessante é que não há queixas dos leitores em relação à dimensão das mensagens. Antes pode-se deduzir esta interação por meio da frequência de comentários, que varia do nível baixo (a crônica *Saci sem cachimbo, lobo sem dentes e gente sem pensamento*, com apenas 16 comentários) ao elevado (193 na primeira crônica do ano, sobre vizinhos barulhentos na praia).

Finalmente, este estudo revela que o fenômeno da vinculação (MENEZES, 2007) com um jornalista-autor fala mais alto do que eventuais limites de sua produção. No caso de Brum, parte deste afeto, convém ressaltar, pode ser fruto do reconhecimento do leitor pelo empenho pessoal da jornalista, que transcenderia os ditames da profissão. Isso porque Brum se autoimpõe propostas raras no jornalismo brasileiro, como o acompanhamento que faz há mais de uma década de uma família da região metropolitana paulista que emergiu de situação financeira desfavorável para integrar a chamada nova classe média – cuja terceira parte foi publicada com o título *Uma família*

⁵ O *El País* é um jornal de língua espanhola que circula na Europa e na América Latina

⁶ Como já enfatizara seu editor do jornal *Zero Hora*, Marcelo Rech: A última etapa da página guardava a tarefa mais simples para Eliane – escrever magistralmente – e a mais tenebrosa das missões: conter seu próprio ímpeto de narrar além, de percorrer caminhos da vida dos entrevistados que as limitações do espaço de um jornal não conseguiriam jamais conter. Em permanente ebulição jornalística, Eliane vivia no fechamento da coluna o drama de enquadrar em somente uma página o retalho de vida que para outros repórteres não valeria uma nota (RECH in BRUM, 1996: 14-15).

no governo Lula (BRUM, 2013) na edição impressa da revista *Época* em 29 de dezembro de 2010⁷.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRUM, Eliane. Uma família no governo Lula, *Época*. Revista *Época*. São Paulo, n. 659, 3 jan 2011. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI199330-15223,00.html>. Acesso em: 13 maio 2013.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede: a era da economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CUNHA, E. da. *Os Sertões*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

HARTSOCK, John C. *A History of American Literary Journalism: the emergence of a modern narrative form*. Boston: University of Massachusetts Press, 2000.

HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

KRAMER, M. Breakable Rules for Literary Journalists. In: SIMS, Norman; KRAMER, Mark. *Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction*. Nova York: Ballantine Books, 1995. p. 21-34.

LÉVY, P. *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, E. P. *Jornalismo Literário para Iniciantes*. São Paulo: Clube dos Autores, 2010.

_____. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁷ A coluna *Hustene chorou baixinho* (nº. 26 – 5/7/2010), sobre paulistano da nova classe média, que integra este estudo, é um perfil do pai desta família.

MAFFESOLI, M. No Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MÁRQUEZ, G. G. Relato de um Náufrago. Rio de Janeiro: Record, 1994.

MARTINEZ, M. Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica para a construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

MARTÍNEZ, T. E. Santa Evita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia Prático de História Oral. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, J. M. A Opinião no Jornalismo Brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENEZES, J. E. de O. Rádio e Cidade: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

PRIMO, A. Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RIO, J. do. A Alma Encantadora das Ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SODRÉ, M. A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

VIRILIO, P. Velocidade e Política. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

WILLIAMS, R. O Campo e a Cidade na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WINKIN, Y. A Nova Comunicação. Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.

WALSH, R. Operação Massacre. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOLFE, T. Radical Chique e o Novo Jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.